

**“EU NÃO FAÇO
PROGRAMA!
EU PROMOVO
ENCONTROS
PRAZEROSOS”:
ETHÉ DISCURSIVOS
EXPERIENCIAIS E
A PROSTITUIÇÃO
MASCULINA NO
SITE GAROTO
*COM LOCAL***

**“YO NO HAGO PROGRAMAS! FACILITO ENCUNTROS PLACENTEROS”: ETHÉ
DISCURSIVOS EXPERIENCIAIS Y PROSTITUCIÓN MASCULINA EN EL SITIO *GAROTO COM
LOCAL***

**“I DON’T ENGAGE IN PAID ENCOUNTERS! I FACILITATE PLEASURABLE MEETINGS”:
EXPERIENTIAL DISCURSIVE ETHÉ AND MALE PROSTITUTION ON THE *BOY WITH A ROOM***

Marcos da Silva Cruz*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Embora a prostituição masculina ainda seja reduzida a um ato sexual e a um ritual de exibição de corpos, enveredo pela investigação do papel das imagens discursivas projetadas em torno das experiências afetivo-sexuais estabelecidas entre os participantes do regime de desejabilidade mediado por tarifas, as quais se desdobram em múltiplas direções. Assim, analiso os

* Doutorando e mestre em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino do estado do Pará. E-mail: marcoscruz.digital@gmail.com.

modos de constituição discursiva das imagens de si, *ethé* discursivos, de garotos de programa no *site Garoto com local*, cotejando um *corpus* de 14 perfis. As análises foram empreendidas a partir de um mirante teórico calçado na noção de *ethos* discursivo (Maingueneau, 1997, 2008b, 2011, 2013, 2015 e 2018) e dos estudos em prostituição (Cruz, 2022), e, com base nelas, foi possível verificar que as imagens experienciais agenciadas pelos garotos estão relacionadas a um regime de volatilidades enunciativo-discursivas, em que emergem simultaneamente *ethé* mais estáveis (compreensivo, sexualmente livre, safado e inteligente) e *ethé* híbridos. Em conclusão, o funcionamento dos *ethé* discursivos experienciais descortinam a pluralidade dos modos de realização da prostituição masculina em seus desdobramentos de subjetividade e desejabilidade, os quais pretendem situar os participantes na cena da prostituição e singularizá-los entre os garotos de programa conviventes no *site*.

PALAVRAS-CHAVE: Ethos discursivo. *Ethé* híbridos. Prostituição masculina.

RESUMEN: Aunque la prostitución masculina sigue reduciéndose a un acto sexual y a un ritual de exhibición de los cuerpos, investigo el papel de las imágenes discursivas proyectadas en torno a las experiencias afectivo-sexuales establecidas entre los participantes en el régimen de deseabilidad mediado por las tarifas, que se despliegan en múltiples direcciones. Para ello, analizo la constitución discursiva de las autoimágenes y el *ethos* discursivo de los call boys del sitio web «Garoto com local», para lo que comparo un *corpus* de catorce perfiles. Los análisis se realizaron desde un punto de vista teórico basado en la noción de *ethos* discursivo (Maingueneau, 1997, 2008b, 2011, 2013, 2015 y 2018) y en los estudios sobre prostitución (Cruz, 2022). Gracias a ello, fue posible verificar que las imágenes vivenciales actuadas por los chicos se relacionan en régimen de volatilidad enunciativo-discursiva, en el que emergen simultáneamente *ethos* más estables (comprensivos, sexualmente libres, traviesos e inteligentes) y *ethos* híbridos. En conclusión, el funcionamiento del *ethos* discursivo experiencial revela la pluralidad de formas en que se ejerce la prostitución masculina en su despliegue de subjetividad y deseabilidad, con el objetivo de situar a los participantes en el mundo de la prostitución y hacerlos destacar entre los chicos de compañía del lugar.

PALABRAS CLAVE: *Ethé* discursivos. *Ethé* híbridos. Prostitución masculina.

ABSTRACT: Even though male prostitution is still viewed as a mere sexual act and a ritual of displaying bodies, I examine the role of the discursive images that are projected around the affective-sexual experiences that are established between the participants in the regime of desirability that is mediated by fees, which unfold in multiple directions. In this study, I analyze the discursive constitution of the self-images and discursive *ethos* of call boys on the "Boy with a room" website, describing a *corpus* of 14 profiles. The analyses were conducted from a theoretical perspective based on the notion of discursive *ethos* (Maingueneau, 1997, 2008b, 2011, 2013, 2015, and 2018) and male prostitution studies (Cruz, 2022), it was demonstrated that the experiential images enacted by the boys are associated within a regime of enunciative-discursive volatility. This volatility gives rise to the emergence of both a more stable *ethos* (understanding, sexually free, naughty, and intelligent) and a hybrid *ethos*. In conclusion, the functioning of experiential discursive *ethos* reveals the plurality of ways in which male prostitution is carried out in its unfolding of subjectivity and desirability. This serves to situate the participants in the prostitution scene and singularize them among the call boys on the site.

KEYWORDS: Discursive *ethé*. Hybrid *ethé*. Male prostitution.

1 SENTIR QUE PAGOU BEM: A EXPERIÊNCIA AFETIVO-SEXUAL DE GAROTOS DE PROGRAMA

Gostaria de começar com uma provocação. Quando, socialmente, aborda-se a questão da prostituição, quais são as imagens que caracterizam as práticas e os sujeitos nessa atividade social? Embora haja possíveis variações, persistem as representações em que a prostituição, masculina ou feminina, é reduzida à concretização de um ato sexual motivado por trocas monetárias, de venda do corpo (Pasini, 2005). Por sua vez, capturados como representantes de uma prática criminosa por instâncias jurídicas e/ou moralmente repudiados por instância religiosas (Ribeiro, 2016), os sujeitos inseridos nas dinâmicas de sexo tarifado acabam sendo comprimidos a espaços de abjeção. Ou seja, são as praças, os parques e as esquinas, na penumbra da noite, os lugares nos quais estes corpos são dispostos, como aqueles que não deveriam ser vistos à luz do sol.

Diferentemente de uma concepção reducionista da prostituição, proponho a observação expandida do conjunto de relações tecidas nos espaços de sociabilidade entre garotos de programa (doravante GPs) e os clientes-em-potencial. Em outros momentos, Oliveira (2019) e Cruz (2022) já sinalizaram que a prostituição masculina reverbera na maquinaria discursiva sobre as relações amorosas e

sobre suas condições de estabelecimento, uma vez que as interações entre os participantes da prostituição englobam os vínculos afetivos entre os sujeitos que, por vezes, tomam frente na hierarquia de critérios para a concretização de um contrato afetivo-sexual.

No sentido de evidenciar a centralidade da dimensão afetiva na construção de imagens valorizadas entre GPs, assumo a tese de que: instituir-se no lugar discursivo de GP implica a prioridade de assunção de *ethé* experienciais, em que os comportamentos dos GPs singularizam as práticas afetivo-sexuais e justificam os investimentos monetários. Esses *ethé* experienciais, acionados pelos modos de dizer, constituem imagens heterogêneas de si, as quais interseccionam enunciados estereotipados e outros, passíveis de atualização, sobre o mundo ético e estético dos integrantes das dinâmicas de desejo tarifado.

A partir da possibilidade de agenciamento entre os enunciados estereotipados e as possibilidades de atualização, interessa, como problema de pesquisa, perguntar: como os garotos de programa agenciam suas imagens de si diante dos enunciados historicamente reguladores sobre o mundo ético e estético das relações estabelecidas com os clientes-em-potencial? A fim de responder ao questionamento, analiso os modos de constituição de *ethé* experienciais nos perfis de garotos de programa no *site Garoto com local*.

Em termos metodológicos, circulei pelo *site Garoto com local*, entre os perfis sitiados na cidade de São Paulo. Por uma questão tecnodiscursiva (Paveau, 2013), restringi a procura aos perfis em destaque, cotejando aqueles que apresentassem, em seus textos descritivos, palavras e/ou expressões adjetivas sobre suas capacidades interpessoais e as possíveis experiências a serem proporcionadas aos clientes. De um conjunto de dados composto por mais de 100 perfis destacados, seccionei uma amostra, dando prioridade aos 40 primeiros perfis. Destes, por sua vez, cotejei 14 para a exploração analítica neste texto. Compreendo que esse pequeno *corpus* (Moirand; Gibin; Costa, 2020) seja capaz de sinalizar a pluralidade constitutiva dos *ethé* experienciais, destacando a complexidade nos modos de desenvolvimento da prostituição masculina. Todo o percurso metodológico é detalhado na seção *Passo os olhos para passar a língua: percurso metodológico-analítico*.

Estruturalmente, este artigo apresenta quatro seções voltadas para a análise das imagens projetadas por GPs no *site Garoto com local*. Na primeira parte, caracterizo a noção de *ethé* discursivo experiencial, relacionando-o às práticas da prostituição masculina. Na segunda seção, cotejo as condições de desenvolvimento metodológico da pesquisa, indicando os critérios de composição do *corpus*. Em seguida, na terceira parte, analiso as formas de concretização das imagens experienciais dos GPs a partir de duas dimensões, a saber: *ethé* estáveis, os quais, no contexto da prostituição no *site* escolhido, são sintetizados em (i) compreensivo, (ii) sexualmente livre, (iii) safado e (iv) inteligente; e *ethé* híbrido, em que não possível desassociar as imagens de *ethé* estáveis, sem perder a complexidade da composição da imagem social divulgada nos perfis. Por fim, encerro com a defesa de um regime de volatilidade enunciativo-discursiva a partir do qual as imagens dos integrantes da prostituição masculina são negociadas constantemente.

2 ETHÉ DISCURSIVOS EXPERIENCIAIS NA PROSTITUIÇÃO MASCULINA

Para averiguar os mecanismos de constituição de uma imagem valorizada por parte dos GPs no *site* elegido, é preciso observar as condições a partir das quais os integrantes da dinâmica afetivo-sexual mediada por trocas monetárias podem dizer e os modos de dizer. Defendo a necessidade de reconhecimento do processo de incorporação como instância de negociação de sentidos sobre o lugar social assumido pelos GPs, visto que somente com o reconhecimento das condições de enunciação é possível mapear os agenciamentos de sentido manifestos em cada um dos perfis, descortinando os enunciados imperativos, aqueles que precisam ser retomados, e os enunciados mais plásticos, os quais os GPs podem rearranjar.

Em uma primeira visada retrospectiva sobre a noção de *ethos*¹, Maingueneau (2018) sinaliza que as imagens dos enunciadores em situações comunicativas podem ser mapeadas a partir do reconhecimento dos mecanismos de incorporação na enunciação. Esse procedimento envolve necessariamente três formas de materialização, a saber:

[...] a enunciação confere corporalidade ao fiador, ele dá corpo a ele; o destinatário incorpora, assimila através da enunciação um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se relacionar com o

¹ Pontuo como a primeira realização de uma retrospectiva porque, em dois momentos, o autor empreendeu esse gesto analítico: na primeira ocorrência, publicada por meio do artigo intitulado *Retorno crítico à noção de ethos* (2018) e, como segunda realização, na parte introdutória do livro *Variações sobre ethos* (2020).

mundo; essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (Maingueneau, 2018, p. 322).

Em um primeiro plano, a enunciação emerge como uma instância social que regula, isto é, que torna naturalizado um conjunto de valores e de práticas sobre os papéis de cada um dos sujeitos em situações de comunicação. Isso significa que, a partir das práticas de linguagem implicadas na assunção de um lugar social, há a retomada de significações minimamente estabilizadas sobre o papel linguageiro a ser desempenhado. A regularidade mínima desses papéis é compartilhada pelos interlocutores, ouvintes ou leitores, e é recuperada mediante o reconhecimento da prática social em que os sujeitos se enquadram. Ou seja, sempre há a recuperação de “[...] um conjunto de esquemas que correspondem há uma maneira específica de se relacionar com o mundo” (Maingueneau, 2018, p. 322).

Seja o lugar de GP ou de cliente-em-potencial, assumir uma posição social é também assumir um lugar em linguagem, um lugar discursivo. Para Maingueneau (2016), um lugar social resgata, direta ou indiretamente, um agrupamento de sentidos sobre os comportamentos linguísticos, corporais e psicológicos, os quais são inspecionados pelos interlocutores no curso da interação. Esse agrupamento implica a retomada de uma imagem do enunciador no curso das escolhas linguísticas elaboradas em frente ao interlocutor. Inscreve-se, portanto, uma expectativa sobre os modos de dizer que os lugares sociais ocupados permitem serem verbalizados (por escrito, oralmente ou de forma multimodal).

O conjunto de expectativas sobre a imagem dos GPs leva em consideração a historicidade dos enunciados e das materialidades que caracterizam a imagem pública dos integrantes da dinâmica tarifada. Questões sobre vestimentas, gestualidades, os papéis sexuais, idade, raça, entre outros, funcionam como estereótipos na configuração inicial das cenas enunciativas em que eles e seus possíveis clientes interagem. Ou seja, conforme Maingueneau (2015), convivem a retomada de um ethos prévio, de mobilização de enunciados estereotipados, e de um ethos propriamente dito, perfilado na cena enunciativa imediata de interlocução entre os participantes da prostituição.

Nas ambientações de desenvolvimento da prostituição masculina, esse regime de contiguidade entre ethos prévio e ethos discursivo é traduzido pela necessidade de agenciamento de uma imagem de si valorativa. Como sinalizei na introdução deste texto, esses mecanismos são direcionados à caracterização dos tipos de experiência afetivo-sexuais que os clientes-em-potencial podem ter com os GPs, não somente uma proposição de um ato sexual. A partir de Perlongher (1986), constato a persistência histórica de uma representação reducionista da prostituição como somente o ato sexual, em que foi impelido ao corpo do sujeito integrante da dinâmica de sexo tarifado a performance sexual exacerbada, caracterizada pela exposição as partes erógenas e do contato estimulador com o órgão sexual.

No contexto das práticas discursivas da prostituição por meio da internet, é possível verificar que cabe aos GPs o papel agentivo de negociação entre os enunciados historicamente valorados e as reinvenções valorativas em torno das imagens de si. Na mesma direção de Maingueneau (2018), acredito que os *ethé* experienciais elaborados são uma estratégia de equilíbrio entre as possibilidades enunciativas passíveis de serem assumidas na cena enunciativa de cada perfil inscrito nos *sites* especializados. Enquanto estratégia, as formas de assunção do lugar social de garoto de programa estão sustentadas pela heterogeneidade, pela pluralidade articulatória de enunciados sobre as dimensões éticas e estéticas de cada um dos sujeitos.

Essa heterogeneidade é constituinte das práticas sociais de sexo tarifado e nos leva a indagação: *Quem te faz especial?* Embora aparentemente retórica, a questão visa descortinar as estratégias de negociação dos sentidos sobre o fazer linguístico-social dos lugares discursivos ocupados. Para Cruz (2022), é imprescindível, na lógica da prostituição masculina, agenciar um conjunto de significações voláteis sobre os comportamentos e as imagens estéticas, assim como reinventar as formas de atrair e de convencer o cliente-em-potencial a avançar no processo de concretização de um programa. Em outros termos, a questão posta funciona como uma tradução da lógica de diferenciação necessária aos GPs, tendo em vista que eles precisam, além de recuperar formas regulares de identificação de si como integrantes da prostituição masculina, manifestar traços estéticos e éticos que os singularizem em meio aos outros sujeitos que se prostituem.

A relação entre a historicidade antecedente e a cena enunciativa mais imediata recupera, em termos discursivos, o diálogo entre quadro cênico (a imbricação entre cena englobante e cena genérica) e cenografia. Embora Maingueneau (2018) descreva pontualmente a relação entre a cena englobante, cena genérica e cenografia, persiste uma hierarquia daquela cena a esta e uma pormenorização da cenografia. Em outros termos, as singularidades destacadas pelos GPs em cada um de seus perfis seria algo aleatório e que, por vezes, nem todos apresentariam, recuperando as coerções da cena genérica, dos papéis estereotipados ocupados por cada um dos participantes.

Em direção contrária, em conformidade com Deusdará, Rocha e Arantes (2019), defendo que a cenografia não é uma dimensão que surge aleatoriamente, em detrimento da cena genérica. Na verdade, a cenografia é uma dimensão suplementar à cena genérica, acompanhando-a *pari passu*, evidenciando as correlações entre a reafirmação das regularidades históricas e as atualizações no momento de enunciação. A abolição de uma perspectiva maniqueísta dos elementos favorece a percepção dos agenciamentos de sentido mobilizados pelos GPs, em que cada um deles trabalha no limiar da historicidade antecipada e das possibilidades da cena imediata.

Outro plano de horizontalidade que precisa ser levado em consideração diz respeito às dimensões do ethos. Maingueneau (2018, p. 322), em sua segunda retrospectiva sobre o conceito, organiza as formas de abordagem das imagens de si no discurso em três dimensões. Nos termos do autor, é possível acessar um ethos pela:

[...] dimensão ‘categorial’ recobre coisas muito diversas. Ela pode tratar de papéis discursivos ou de status extradiscursivos. Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade de palavra: animador, contador, pregador... Os status extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro etc.; 2. a dimensão ‘experencial’ do ethos recobre as características sociopsicológicas estereotipadas, associadas às noções de incorporação e de mundo ético: bom senso e lentidão do camponês, dinâmica do jovem empreendedor...; 3. a dimensão ‘ideológica’ refere-se a posicionamentos dentro de um campo: feminista, de esquerda, conservador ou anticlerical... dentro do campo político, romântico ou naturalista... dentro do campo literário etc. Essas três dimensões interagem fortemente.

Considero que esta segmentação é meramente didática, resultante de um conjunto de dificuldades operacionais voltadas para a sistematização de uma abordagem mais objetiva para o conceito. Isso significa que essas dimensões podem funcionar por meio de cruzamentos e de gradualidade, os quais dependerão do objetivo da pesquisa e do *corpus* analisado. Ao defender que os *ethé* experienciais dos GPs são constituídos por um processo de agenciamento entre a repetição e a singularidade, aproximo os planos categorial e experencial: categorial, pois, na medida em que precisam enfatizar verbal, oral ou iconotextualmente, suas singularidades ocupam um papel que se sedimenta no curso da história; como corolário, o plano experencial manifesta-se pela necessidade de mobilização de uma imagem associada aos regimes de afetividades e de desejo sexual a serem proporcionados aos clientes-em-potencial.

Como toda a pesquisa científica estabelece um ponto de entrada no funcionamento dos fenômenos de linguagem, elejo a dimensão experencial como o fio desencadeador do processo complexo que envolve as imagens dos GPs, amparado por duas razões. A primeira está associada ao modo de constituição das práticas da prostituição no *website* escolhido, em que tomam frente as estratégias mobilizadas pelos sujeitos que vivenciam o fazer laboral da prostituição por meio da apresentação de dados favoráveis à concretização do contrato afetivo-sexual. A segunda relaciona-se com as noções de masculinidade, as quais são vistas, mediante Connell e Messerschmidt (2013, p. 253), como construções heterogêneas, situadas nas práticas sociais de cada sujeito e incorporadas de múltiplas formas no exercício cotidiano das performances identitárias. Logo, a dimensão experencial torna-se o engate para o descortinamento da aparente estabilidade dos lugares categoriais.

O ethos experencial, por conseguinte, implica uma corporalidade e um caráter. De acordo com Maingueneau (2011, p. 98), a tomada da palavra em qualquer cena enunciativa desdobra-se na constituição de um mundo ético e estético, em que os destinatários elaboram uma feição do caráter e da corporalidade daquele que enuncia. Esses correspondem a “[...] uma gama de traços psicológicos (...) [e] a uma compleição corporal”. Em outras palavras, significa dizer que os GPs assumem uma feição sobre os modos

de apresentação visual, de tratamento e de comportamento no trajeto de interação com os clientes, em que podem assumir comportamentos afetivo-sexuais distintos.

De modo geral, a tomada da palavra, as escolhas linguísticas e os limites do dizer perfilam a efetivação de um ethos. Situar-se como GP, em um *site* especializado, e elaborar uma apresentação de si, a fim de estabelecer encontros afetivo-sexuais, desdobra-se na necessidade de mobilização, por meio do “tom” do dizer, uma imagem de corporalidade, uma imagem estética, uma imagem de caráter, de comportamentos sociais e sexuais considerados valorativos entre os integrantes da comunidade discursiva. Para o GP, isso se torna mais latente na medida em que é preciso “uma disciplina do corpo” (Maingueneau, 2011, p. 98), da acuidade sobre os efeitos que as escolhas no modo de apresentação podem repercutir, as quais podem recuperar representações valorizadas ou desvalorizadas.

3 PASSO OS OLHOS PARA PASSAR A LÍNGUA: PERCURSO METODOLÓGICO-ANALÍTICO

Conforme defendo, há uma heterogeneidade constituinte no processo de elaboração das imagens de si dos GPs, a qual os textos de apresentação de 14 perfis de participantes do *site Garoto com local* demonstra. Reconheço, na esteira de Maingueneau (2013), que a noção de ethos apresenta uma “instabilidade constitutiva”, caracterizada pelas múltiplas formas de acesso às imagens de si (materialidades, planos de articulação, pontos de vista e níveis de reconhecimento da historicidade), o que requer a construção de critérios para a composição de um *corpus*. Essas escolhas de composição do material de análise são perfiladas pelas determinações tecnodiscursivas (Paveau, 2013), em que o *site*, enquanto metaenunciador (Maingueneau, 2018), condiciona os módulos a serem apresentados e a ordem de apresentação dos anúncios dos perfis. Consequentemente, o ordenamento é configurado diariamente, alterável a depender do grau de envolvimento dos participantes.



Figura 1: Forma de ranqueamento dos perfis no *site Garoto com local*

Fonte: acervo do autor

Ao considerar que a composição metodológica está implicada nas determinações tecnodiscursivas (Paveau, 2013), compreendo que a estruturação técnica do *site* impacta na composição de corpora. Conforme figura 1, essa determinação se manifesta pela forma de atualização dos dados dos participantes, pois, na medida em que os garotos de programa alteram as informações verbais ou imagéticas, seus perfis adquirem maior visibilidade durante determinado recorte temporal, fazendo com que ocupem os primeiros lugares iniciais de cada cidade no *site*. Isso faz com que os perfis não ocupem uma posição estável por um longo período, oscilando diária, semanal e mensalmente no ranqueamento dos perfis mais acessados. Dito isso, é importante sinalizar que a coleta de dados

que realizei ocorreu no dia 27 de julho de 2023, restringindo-se aos perfis sitiados na cidade de São Paulo, capital do estado com nome homônimo.

Elejo o mapeamento visual como a primeira instância para o estabelecimento de quaisquer outras etapas de interação, pois os clientes-em-potencial mobilizam esse primeiro sentido (o visual) para eleger quais perfis são clicáveis (acessados em suas especificidades sobre os GPs). Sendo a primeira etapa a visualização dos perfis mais acessados, recorro a uma metáfora, “passar os olhos para passar a língua”, em que os clientes-em-potencial mapeiam visualmente os perfis com maior destaque e elegem, pela facilidade dentre a quantidade de usuários, aqueles que estão “no topo do *ranking*” para analisarem as imagens de masculinidade e, por conseguinte, concretizarem os encontros.

Essa metáfora é proposital, como uma forma de questionamento aos modos de interpretação das interações em ambientes digitais. Paveau (2012) problematiza a separação de atividades de linguagem *on-line* e *off-line*, como pares binômicos dos processos de socialização humana, e defende uma ecologia pós-dualista, na qual é preciso perceber os papéis de mediação e os modos de negociação das interações executados pelos *sites*, pelas redes sociais e por outros espaços de comunicação. Nesse sentido, “passar os olhos para passar a língua” recupera essa natureza mediadora do *site Garoto com local*, ratificando o bojo das interlocuções estabelecidas entre os GPs e os clientes-em-potencial.

Esses contornos tecnodiscursivo conduzem a escolhas metodológicas e analíticas. Além da delimitação temporal, outras duas escolhas em relação ao *corpus* são necessárias de serem sinalizadas. Em primeiro lugar, a materialidade elegida restringe-se à dimensão verbal, ou seja, aos textos escritos nas apresentações de si por parte dos GPs. Embora Maingueneau (2018) sinalize a pluralidade semântica motivada pelos iconotextos, a restrição ao plano verbal se dá por uma questão de ordem discursiva da prática científica, em que, para análise de materiais em que há nudez, persiste o apagamento de um debate sobre a dimensão discursiva na confecção de protocolos de tratamento de dados, além da extensão do *corpus*, que superaria o escopo deste artigo. Embora não analise o material imagético, procedo a desidentificação dos nomes dos sujeitos de cada perfil coletado, fazendo uso de pseudônimos, como forma de preservar o direito de imagem e de, em certa medida, não conseguir prever os efeitos que o texto pode repercutir na vida desses sujeitos.

Como corolário da escolha analítica do material verbal, a segunda delimitação relaciona-se ao plano do ethos dito e mostrado (Maingueneau, 2015). Como instâncias articuladas, concebo que o material verbal das apresentações de si é um ponto de partida produtivo para etnografar as práticas situadas da prostituição masculina (composta a partir dos perfis coletados em 27 de julho de 2023 e situados na cidade de São Paulo), a qual dialoga com as negociações de enunciados que estabilizam e/ou atualizam as práticas de prostituição no plano mercadológico (da mediação monetária dos encontros) e afetivo-sexuais (das imagens éticas e estéticas elaboradas pelos GPs). Em outras palavras, o texto escrito pelos GPs indexa o funcionamento das regras do dizer na cena da prostituição masculina, evidenciando o que é retomado e o que é passível de atualização.

4 “EU NÃO FAÇO PROGRAMA! EU PROMOVO ENCONTROS PRAZEROSOS”: ETHÉ EXPERIENCIAIS EM ANÚNCIOS DE SI DE GAROTOS DE PROGRAMA

Alguns enunciados configuram-se como uma demanda inerente ao exercício do lugar social ocupado pelos GPs, como é o caso da indicação de informações fisionômicas, como o peso, a altura, a idade, o tamanho do órgão genital e, em alguns casos, a autodeclaração étnico-racial.

A identificação étnico-racial dos GPs apresenta a regularidade de desvinculação da negritude. Os integrantes da prostituição costumam afirmar-se como homens de “pele clara” (Thiago Montenegro), como “moreno pardo [...] cor de canela” (Rafael Menezes) ou “moreno” (Lucas Santoro). De acordo com Cruz (2022) e Munanga (2012), esse modo de dizer sobre sua raça configura-se como uma estratégia de subterfúgio aos mecanismos de sexualização e de abjeção da negritude. Isso significa que a autoafirmação como negro implica a localização de um lugar social movediço, em que o GP pode ser reconhecido e valorizado pelos enunciados sobre a performance do “negro pausado” (Barros; Barreto, 2018), ao mesmo tempo em que pode ser rechaçado por fatores como tônus muscular, traços de feminilidade ou quaisquer outros elementos que indexem a desvalorização da imagem pública.

De igual modo, categorias intersticiais para a determinação de lugares sexuais são mobilizadas. No *corpus* analisado, Thiago Montenegro, Marcelo Alencar e Bruno Alencar categorizam sua participação nos atos sexuais como “versátil”, enquanto Felipe Cardoso caracteriza-se como “exclusivamente ativo”. Percebe-se que a versatilidade e a atividade sexuais são duas formas naturalizadas de composição das imagens de si, enquanto a feminilidade situa-se no limite do silêncio, como interdito. Perlongher (1986) constatou esse processo, em que a feminilidade era conceituada como inferiorizante, que etiqueta os corpos dos sujeitos como supostamente “menores”. Embora isso, ela persiste nas práticas privadas, em que os GPs ocupam o lugar de passivo, desde que a informação não emergja nas práticas públicas. Uma forma de equilibrar o peso categórico da passividade, mas sem aboli-la, é a marcação do lugar de atuação sexual como versátil.

Começam a emergir indícios da plasticidade dos efeitos de sentido para as escolhas dos GPs, em que os significantes são mobilizados a partir da necessidade de orquestração de enunciados opositivos. Esse “malabarismo enunciativo” é uma condição, na cena englobante da prostituição, a fim de sublinhar os elementos performáticos mais valorizados e consolidar os encontros afetivo-sexuais. Porém, essa heterogeneidade fica mais evidente com a recuperação dos mundos éticos acionados a partir das sinalizações sobre as experiências singulares que os clientes-em-potencial teriam com os GPs. Assim, predominam quatro *ethé* mais pontuais sobre os desempenhos possíveis, a saber: compreensivo; sexualmente livre; safado; e inteligente. Além desses, há também os *ethé* híbridos, em que não há linhas decisórias claras para defini-los somente em um plano, mas na interface de suas possibilidades.

5 OS QUATRO *ETHÉ*: COMPREENSIVO, SEXUALMENTE LIVRE, SAFADO E INTELIGENTE

No primeiro caso, verificamos a ocorrência do *ethos* de um GP compreensivo. Bruno Alencar imprime uma imagem diferenciada a partir da descrição das etapas do atendimento: “Sou amante das preliminares, e estou pronto para realizar suas fantasias. Sou a companhia ideal para você que é iniciante”. Ao mobilizar os termos “amante” e “companhia ideal”, há um deslocamento de um lugar de prestação de um serviço sexual para a incorporação de uma imagem afetiva, associada a uma instância antecedente ao ato sexual. O GP situa, no modo de enunciar, que sua preocupação está associada ao conforto com o cliente, por meio dos usos pronominais “para você”, “sua fantasia” e “você”. Fica latente essa tática de valorização da experiência do outro ao afirmar que é uma “companhia” detentora de uma sensibilidade especial com os clientes “iniciantes”.

Além do *ethos* compreensivo, também aparecem com bastante frequência o *ethos* de liberdade sexual ou de um sujeito sexualmente livre. Esses são os casos de Thiago Montenegro e de Gabriel Farias.

Em seu perfil, Thiago associa a jovialidade com uma imagem de liberdade sexual, para executar um atendimento diferenciado. Para isso, ele afirma-se como um “garotão” de 24 anos, que “adora [se] cuidar” e que “curt[e] conexão, troca de energia”. Assim como no perfil de Bruno Alencar, Thiago contorna as relações com os clientes a partir de um grau mais afetivo, em que predomina a conexão, a compatibilidade de uma dimensão comportamental e de valores (de uma “energia”), superando a compreensão da prostituição como um serviço em que há a despersonalização dos sujeitos, em detrimento da lógica do capital, como sinaliza Antunes (2009). A aproximação da preocupação com o cliente e a imagem de jovialidade ocorre por meio da noção de liberdade sexual. A jovialidade seria uma dimensão facilitadora para a realização de fetiches, como afirma Thiago: “realizo seus fetiches e faço uma putaria completa”. Essa ideia é confirmada na escolha lexical do GP, em que ele não é somente preocupado com o cliente, mas que sabe atendê-lo sexualmente, com a “putaria” adequada.

Na apresentação de Gabriel Farias, verifico também a retomada da questão etária na composição da imagem de liberdade sexual. Ele sinaliza que tem 19 anos e, como uma pessoa de tal idade, afirma: “Gosto muito de me aventurar e gozar do que é de bom da vida, curto realizar fetiches e sou totalmente discreto, gentil e um safado na cama...rs”. Há o estabelecimento, pela forma de dizer, de uma correlação entre a jovialidade e a necessidade de aproveitar a vida, manifesta pelos verbos “aventurar” e “gozar”. Essas ações linguísticas também se efetivam no comportamento do GP, uma vez que ele, ao mesmo tempo, preocupa-se com a gentileza e com a safadeza. A sinalização dessa dupla articulação é manifesta no uso de uma representação verbal para um riso (“rs”), como constituinte da ambiguidade a partir da qual ele pode associar-se.

Outro tipo de ethos recorrente está associado, mais exclusivamente, à ideia de um homem safado. Entre os 14 perfis elencados, ele predominou a cena enunciativa de cinco apresentações de si. Para confirmar esse comportamento, os GPs acionaram marcações nominais adjetivas voltadas para o corpo e para o órgão genital masculino (o pênis). Gustavo Cunha, por exemplo, denomina-se “Mlk Puto Tatuado” e que anda sempre com a “Mamadeira sempre cheia e pau Durão para vocês”. Imbricam-se a questão etária (“Mlk”, que significa moleque), do ethos de liberdade sexual, com a imagem de homem safado (“puto”), os quais marcam a objetificação do desejo sexual constante (“Mamadeira sempre cheia”) e da permanência de um estado de excitação sexual (“pau Durão para vocês”). Logo, traduzem-se como formas de enfatizar o mundo ético a partir do qual o cliente será atendido.

Na mesma direção, Felipe Cardoso intitula-se “um puto de um safado”², um recurso hiperbólico para enfatizar seu comportamento psicológico, traduzidos em desejo sexual. Nesse sentido, ele descreve seu pênis como “grosso mastro lindo cabeçudo, BABÃO DURÃO”, recorrendo ao uso de letras maiúscula, com a marcação desinência no aumentativo, para enfatizar a ideia de excitação constante (“durão”) e de desejo inesgotável (“babão”).

Ainda, o pênis adquire uma conotação objetivada. Não é somente um pênis, é um “mastro”, com características que corroboram para a visualização da excitação constante. Essa, por sua vez, sinaliza para um comportamento sexual mais intenso, em que, nas práticas sexuais, Felipe é “moleque, safado e bombador”, “cara safado que se amara em uma putaria”. Portanto, as escolhas nominais adjetivas não projetam uma imagem estandarizada de uma prática sexual “convencionalizada”, mas da possibilidade de experimentar uma modalidade sexual “mais *hardcore*” ou a ideia de sexo selvagem.

A apresentação de si de André Oliveira retoma, mediante as escolhas lexicais, a centralidade do pênis como uma dimensão valorativa do ethos de homem safado. Dotado de uma “pica grossa e brincalhona”, o GP projeta seu comportamento por meio de uma cenografia de liberalidade, em que as práticas sexuais são realizadas com certa leveza (como uma brincadeira). Essa leveza implica no comportamento do integrante do *site* na relação com os possíveis clientes, como uma pessoa que “curt[e] sexo liberal sem frescura e sem pressa, nada mecânico e robótico”³. A imagem de liberalidade, no ethos de homem safado, é ratificada pelos termos “sem frescura” e “sem pressa”, a fim de qualificar o comportamento durante o ato sexual.

Detentor, como autodenomina, “De pica grossa e pesada”, Matheus Novais recorre a enunciados múltiplos, característicos de uma prática interdiscursiva (Maingueneau, 2008b), para projetar uma imagem de intensidade sexual e desejo aflorado e constante. Nos termos do GP, ele é um “Baiano quente insaciável do signo de escorpião, safado, carinho e com uma boa pegada”. A escolha lexical “baiano quente” resgata os enunciados sobre negritude, uma vez que há uma associação histórica e interseccional (AKOTIRENE, 2020) entre o território e raça: ser baiano recupera a associação com a expressiva quantidade de pessoas autodeclaradas negras⁴, bem como a permanência da memória da escravidão, reverberando para o reavivamento do estereótipo do homem negro como detentor de um instinto sexual diferenciado, conforme indicam Barros e Barreto (2018).

O agenciamento de um ethos de homem safado e compreensivo adquire maior latência no perfil de Rafael Menezes. Segundo ele, seu comportamento se enquadra, ao mesmo tempo, no “estilo puto namoradinho” e “safado puto cafajeste”. Embora prevaleça a ideia do homem “puto”, ligada à imagem do homem sexualmente safado, o GP realiza a equilibração nos seguintes termos: “Podemos começar se tocando, depois nós acariciando, temos um beijo gostoso! Podemos deixar rolar... até boas preliminares e sexo gostoso! Uma foda excitante, com bastante tesão, falando várias putarias, temos boas pegadas, cara de safadinhos, olha de sede”. O ethos de homem safado é acionado por meio das escolhas lexicais “foda excitante”, “tesão”, “putarias”, “pegadas” e “olha[r] de

² Embora defenda uma imagem de possível “namorado apaixonado”, há a preponderância de marcações lexicais voltadas para uma imagem de desejo sexual mais arrojado, de insaciabilidade sexual. De fato, o sintagma adjetival pode ser um sintoma da estratégia do garoto de programa para não ser capturado pelos efeitos de sentido em direção exclusiva a uma imagem de homem safado.

³ Um indicativo pertinente obtido na maior parte dos perfis é a negação de uma prática sexual “robótica”. Esse é, aliás, um dado notável de ser investigado, pois endereça aos modos de constituição ética do fazer laboral na prostituição, dos valores e das ações positivadas no mundo ético afetivo-sexual das dinâmicas monetizadas de encontros.

⁴ Afirmo isso a partir dos dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), em que 980.350 pessoas se autodeclararam como pretas.

sede”⁵, ligadas ao plano mais informal de fala sobre as categorizações do ato sexual. Ao mesmo tempo, Rafael elabora a imagem de compreensivo ao descrever os encaminhamentos de um possível atendimento, em que prevalece o bem-estar de ambos, no toque (“podemos começar se tocando”; “nós acariciando”) e nas demonstrações de afeto (“um beijo gostoso”).

Outro tipo de ethos materializado foi o de um homem inteligente. Pedro Drummond ratifica essa imagem ao afirmar que é “pós-graduado e inteligente”, mas a reafirma muito mais pelo modo de dizer ao elaborar uma versão em inglês de sua apresentação de si: “Hi, I’m PEDRO, 1.82 tall, 25 cm real, graduate and intelligent”. A tradução para o inglês recupera o capital simbólico das práticas linguísticas, a partir do qual dominar uma língua estrangeira seria sintomático de um grau superlativo de inteligência. Na mesma direção, Eduardo Barbosa apresenta-se como “inteligente, educado, nível universitário, atenciosos e carinhoso”, em que o nível de instrução educacional superior emerge na escolha dos qualificativos sobre si (“companhia perfeita”) e do possível ato sexual (“bons momentos de prazer”). Ambos os sujeitos recorrem à modalização do lugar social ocupado, caracterizando-o pelo valor simbólico da formação educacional, como um diferencial que supera a relação sexual a qual, em tese, estaria fadado ao programa.

6 ETHOS HÍBRIDO

Apesar da tentativa de minha parte em tentar identificar formais mais estáveis de ethos para cada apresentação de si dos GPs, vez ou outra remeto a simultaneidade de outras imagens de si. Por si só, já é um indicativo da “instabilidade constitutiva” (Maingueneau, 2013) em práticas sociais heterogêneas, pautadas na necessidade de agenciamento de imagens múltiplas para alcançar perfis distintos de clientes. Na direção de Maingueneau (2015), classifico essa ocorrência como ethos híbrido e que ficam mais pungentes nos perfis de Lucas Santoro e de Pedro Cavalcante.

Lucas Santoro apresenta-se como “safado, carinhoso e educado. Gosto de dar prazer e satisfazer desejos. Na cama sou ativo, dominador, bruto, romântico e carinho como você preferir”. Destaco a utilização do sintagma adverbial de lugar, “na cama”, como um marcador da passagem entre as instâncias de ocorrência de comportamentos específicos: de um lado, é acionada a pressuposição de que, nas práticas públicas, ele retoma uma imagem de homem polido (“carinhoso, educado”); por outro, nas interações particulares, ele pode evocar ao ethos do homem safado (“dominador”, “bruto”). Essa divisão, contudo, não é acirrada, pois a composição sobreposta dos adjetivos admite a concorrência e a intersecção de mundos éticos distintos, a depender das solicitações do cliente (“como você preferir”).

Na apresentação de Pedro Cavalcante, a mobilização de *ethé* complexifica-se. Ao descrever-se como “Eu não faço programa! Eu promovo encontros prazerosos”, ele recupera uma imagem de homem compressivo, em uma interlocução direta com o leitor: “quero te dizer que eu entendo que talvez você possa se sentir insegura”; “ou talvez você esteja cansada de relacionamentos tradicionais”. A consolidação desse ethos decorre da escolha pela primeira pessoa do discurso, incrustada na flexão verbal (“quero”, “entendo”), que estabelece uma aproximação com o interlocutor. Essa aproximação concretiza-se com a marcação do interlocutor no plano textual, com o uso dos pronomes “te”, “se” e “você”, consolidando um tom de conversa, de diálogo compreensivo entre dois interactantes aproximados.

A partir do ethos compreensivo, Pedro ampara a realização de outra imagem de si, de um profissional do prazer. Diferentemente de um profissional do sexo, em que o ato sexual seria a unidade limite de interação, o GP propõe que uma de suas habilidades é “Realizar seus desejos mais ocultos (ouvir e fazer coisas que você tem vontade mas não revela a ninguém)”. Nesse segmento, Pedro mobiliza a cena genérica da prostituição como paralelo, a fim de diferenciar as ações empreendidas no momento dos encontros. Assim, ele categoriza como anti-ethos (Maingueneau, 1997) a atividade de coito sexual, com o foco na troca monetária, para afirmar sua singularidade como alguém que, em seu mundo ético, explora as dimensões psicológicas de desejo de seus clientes.

⁵ Maingueneau (2008) alerta que o registro gramatical da língua pode funcionar como um critério para uma imagem positiva ou negativa do enunciado, como conhecedor ou não das normas de escrita. Embora acredite ser uma percepção vigente em determinadas cenas de enunciação, não considero plausível aos anúncios dos garotos de programa, na medida em que, nenhum dos comentários, por parte de clientes, evidencia a sapiência no domínio da norma culta como condição para a anulação do perfil no regime de desejabilidade.

A exploração das dimensões psicológicas desejantes compõe a terceira imagem de si projetada por Pedro, como um homem inteligente. Nessa seara, o GP argumenta “Sou graduado em Direito, amante de assuntos relacionados à psicologia humana, linguagem corporal e desenvolvimento pessoal”. A circunscrição de interesse (em ser “amante” do tema) na área da psicologia humana e do comportamento corporal (“linguagem corporal”) funciona como uma justificativa transversal para os modos de dizer e para as imagens de si compreensivo e de profissional do prazer. Logo, o ethos de homem inteligente atravessa os *ethé* de compreensão e de profissionalismo, forjando-os em sua coerência e sustentando um mundo ético valorativo para a diversidade de clientes.

7 OS REGIMES DE VOLATILIDADE ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS

Uma concepção reducionista sobre a prostituição como um ato sexual inviabiliza a percepção da complexidade a partir da qual os GPs visam elaborar imagens de si valorizadas no mercado da experiência afetivo-sexual. Defendo que essa complexidade só é passível de uma etnografia mediante o reconhecimento da heterogeneidade constituinte dos *ethos* possíveis de serem elaborados, os quais priorizam a descrição da experiência socioafetiva. Logo, defino que as práticas de prostituição masculina no *site Garoto com local* se sustentam em um regime de volatilidade enunciativo-discursivo sobre as experiências a serem proporcionadas ao clientes-em-potencial.

Em primeiro, a natureza volátil desse regime discursivo evidencia a localização estratégica e de tensão em que se situam os garotos de programa. Assumir o lugar discursivo de integrante das dinâmicas da prostituição sublinha a circulação de estereótipos sobre compleição imagética e ética de seus participantes. Para aqueles que visam lucrar financeiramente, a demanda inscreve não somente na reprodução dos enunciados históricos, mas, sobretudo, da atualização das formas de apresentação, como uma estratégia de diferenciação para obter êxito nas negociações com clientes.

Em segundo lugar, a necessidade de atualização caracteriza-se pela movimentação dos enunciados, suas formas de textualização e a constituição de imagens múltiplas e interpenetradas. Nos 14 perfis analisados, percebo esse funcionamento pela manifestação de quatro tipo de *ethos* “mais estáveis”, em que os participantes se definiam como compreensivos, sexualmente livres, safados e inteligentes. Ao mesmo em que os *ethé* mais estáveis interpenetram-se, em maior ou menor grau, também verifiquei a ocorrência de perfis com um *ethos* híbrido, nos quais cristaliza-se, no plano textual, a flutuação entre diferentes imagens de si. Essa flutuação é marcada pela mobilização dos planos mais estabilizados de apresentação de si, em que se sobrepõem as imagens de si.

Os dados obtidos a partir do *corpus* permitem asseverar que os *ethé* experienciais são reflexo da necessidade de abrangência da pluralidade dos desejos dos interlocutores. Isso é um indicativo sobre as estratégias de tratamento de imagem de sujeito que podem reafirmar a história da interação como uma prática sexual, mas também podem evidenciar formas de experienciar a prostituição por meio de interações outras.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARROS, P. E.; BARRETO, R. M. Corpo negro e pornografia: a fantasia do negro pauzudo. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 12, n. 19, p. 301-315, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/16361>. Acesso em: 17 mar. 2025.

CONNELL, R. W. MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2025.

CRUZ, M. S. *Corpo, virilidade e desejo: o ethos discursivo de masculinidade em anúncios de garotos de programa no Grindr*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2022.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D.; ARANTES, P. C. C. Repensando a relação entre quadro cênico e cenografia: contribuição para o debate sobre racismo na publicidade. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 426-442, 2019. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9632>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, D. Ethos. In: MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes Editores, 1997. p. 45-52.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, D. L'ethos: un articulateur. *Contextes*, n. 13, 20 dez. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/contextes/5772#citedby>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MAINGUENEAU, D. Retorno crítico à noção de ethos. *Letras de Hoje*, Rio Grande do Sul, v. 53, n. 3, p. 321-330, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/32914>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MOIRAND, S; GIBIN, F. C.; COSTA, J. L. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. *Revista Linguasagem*, São Carlos, v. 36, n. 1, p. 20-41, 2020. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

OLIVEIRA, T. (org.). *Homens no mercado do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. São Paulo: Editora Devires, 2019.

PASINI, E. Prostituição e a liberdade do corpo. In: SEMINÁRIO LIBERDADE E MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (Clam). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005. . Disponível em: <https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Elisiane.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

PAVEAU, M-A. Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition. *Synergies, Pays Riverains de la Baltique*, França, v. 9, n. 1, p. 53-62, 10 dez. 2012. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Baltique9/baltique9.html>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PAVEAU, M-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. *Epistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquée*, v. 9, n. 1, p. 139-176, 2013. Disponível em: <https://hal.science/hal-00859064v1>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, K. M. Mulheres honestas e prostitutas: análise discursiva de uma divisão lógico-jurídica. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 856-868, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/729>. Acesso em: 16 mar. 2025.



Recebido em 22/01/2024. Aceito em 17/12/2024.

Publicado em 25/06/2025.